BATAILLE E LACAN LENDO OBSCENIDADES PARA UMA DONA DE CASA

PACOBELLO, Lucas Mangues
Faculdade Santa Lúcia
pacobellolucas@gmail.com

COSTA, José Alberto Mattos
Faculdade Santa Lúcia
psico.jose24@outlook.com

BARREIRO, Alex
Faculdade Santa Lúcia
barreiroalex86@gmail.com

RESUMO

Este ensaio analisa o conto Obscenidades para uma dona de casa, de Ignácio Loyola Brandão, a partir das contribuições de Georges Bataille e Jacques Lacan. Mobilizam-se os conceitos de erotismo, transgressão, desejo e gozo para compreender como a narrativa tensiona os interditos sociais e a subjetividade da protagonista. Argumenta-se que as cartas eróticas não constituem o erotismo em si, mas sustentam a fantasia e organizam o desejo de ser desejada. A análise evidencia que a experiência erótica promove uma ruptura com a ordem doméstica e moral, aproximando-se da concepção batailliana de transgressão e da noção lacaniana de gozo como satisfação sempre parcial.

PALAVRAS-CHAVE: *Bataille; Lacan; obscenidades; erotismo; desejo.*

"A transgressão não é a negação do interdito, mas o ultrapassa e o completa" (Bataille, 1987 [1957] p. 42).

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 16-10-2026

> *"O paradoxo do gozo introduz sua problemática nessa dialética da felicidade onde, nós analistas – quem sabe? talvez nos tenhamos imprudentemente aventurado"* (Lacan, 2008a, p. 231).

INTRODUÇÃO

O presente ensaio pertence a uma coletânea de textos produzidos a partir dos encontros do grupo de estudos Psicanálise e Literatura. O objetivo deste ensaio é analisar o conto a partir da noção de erotismo e transgressão que estão presentes na obra de Bataille (1987[1957]) Também utilizaremos Lacan (1985; 2008a; 2008b) e o conceito de gozo como chave de leitura para a discussão.

Apesar de Lacan (2008b) não falar de maneira específica acerca do erotismo, é possível identificar que há aproximações em sua noção de gozo. Explorada no *Seminário 7: A ética da psicanálise* (1959-1960), Lacan utilizará da pulsão de morte para discorrer sobre essa "satisfação insatisfeita", que ele chama de gozo (grifos nossos). Bataille (1987[1957]), por sua vez, entenderá o erotismo como uma experiência de limite, transgressora e monstruosa. Nota-se que há aproximações com os conceitos, como tentaremos explicitar ao decorrer do texto, como aponta Novelli:

> Desse modo, o sujeito batailliano tem como similaridade com a psicanálise lacaniana um tipo de subjetividade que é, desde o início, recalcada em seu desejo por ser a "alteridade da lei" e se constituir fora da linguagem –ou, em termos lacanianos, como algo da ordem do Real (Novelli, 2023, p. 20).

Em "Obscenidades para uma dona de casa" Brandão (2000, grifos nossos), texto de Ignácio Loyola Brandão publicado originalmente em 1981, acompanhamos uma dona de casa sem nome. Ela irá nos guiar pelo seu ambiente benquisto de uma mulher pertencente à sociedade de classe média. Sua casa está organizada, não há mais afazeres. Os filhos irão demorar a chegar, o marido também. Não há nem mesmo a possibilidade de beber um martini, pois "… é estranho beber sozinha às três e meia da tarde. Podem achar que você é alcoólatra" (Brandão, 2000, p. 435).

Aos poucos vamos nos familiarizando com a protagonista, que anseia pela correspondência do que parece ser um homem interessado nela. Em meio aos seus pensamentos ansiosos que questionam a demora do carteiro, esbarramos com seu primeiro momento de erotismo: "Os bicos dos teus seios

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 16-10-2026

saltam desses mamilos marrons procurando a minha boca enlouquecida. Ficava excitada só em pensar" (Brandão, 2000, p. 435). Somos então introduzidos ao conteúdo das cartas que recebia. Essa dona de casa que há pouco se queixou de o absurdo de sua vizinha estar possivelmente tendo um caso com o manobrista, está agora desejando que cartas eróticas cheguem em seu apartamento.

O conto prossegue com a mulher lembrando das cartas enviadas por esse misterioso remetente, até que a carta daquele dia em questão chegue. A ambiguidade que se estabelece em torno do texto se dá de maneira que há um grande desejo em ler o conteúdo dos envelopes, ao passo que há, também, um nojo e um horror em relação ao que está escrito ali: "Que nojenta foi aquela carta, ela nem acreditava, até encontrou uma palavra engraçada, inominável" (Brandão, 2000, p. 436).

Ao chegar a aguardada correspondência, a mulher sai de casa para ler. Tamanha é a excitação que as palavras se embaralham e na primeira leitura não é possível absorver a escrita crua do amante (Brandão, 2000, p. 440). Não somos apresentados ao conteúdo desta carta, porém, ao final do texto o escritor revela quem as escreve:

> Porque assim me deito na cama… e posso escrever outra carta. Colocando amanhã, ela me será entregue segunda. O carteiro das cinco traz. Começo a ficar ansiosa de manhã, esperando o momento dele chegar e imaginando o que vai ser de minha vida se parar de receber estas cartas (Brandão, 2000, p. 441).

As cartas, feitas por esta dona de casa, produziam uma ruptura no espaço doméstico; a colocavam em contato com o limite. No caso, o limite do que é possível em uma relação amorosa, o limite do que é possível em uma relação sexual, ademais, o limite do que é possível para uma dona de casa.

2. O EROTISMO COMO TRANSGRESSÃO DOS INTERDITOS.

A concepção de erotismo postulada por Bataille (1987[1957]) explora a complexidade da subjetividade humana e, principalmente, seu excesso. Como apontado por ele, a atividade sexual é conhecida por todos os animais sexuados; apenas na experiência humana produzimos uma atividade erótica. Embora a atividade sexual seja compartilhada pelos animais, o erotismo constitui uma experiência especificamente humana, marcada pela transgressão dos interditos (lei) e pela suspensão da finalidade exclusivamente reprodutiva.

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 16-10-2026

Compreendido como um aspecto interior da vida, o erotismo é "… na consciência do homem aquilo que põe nele o ser em questão" (Bataille, 1987[1957], p.20), contudo, remete sempre a uma dimensão indizível do desejo. Na contramão da concepção do sujeito como um ser racional, Bataille (1878[1957],) postula o erotismo como algo que escapa a isso. As noções aqui expostas se confundem; o si mesmo não é separado do mundo em que vive, mas, sim, parte da sua comunicação, uma fusão do sujeito com seu objeto (Martin, 2014, p. 14). Neste sentido, Bataille (1987[1957],) compreende que a única maneira de acesso ao erotismo é através da experiência própria do sujeito, recusando o cientificismo que o aborda de fora.

Bataille (1987[1957]) ao falar sobre a reprodução sexual, a situa como a passagem entre a morte e a vida, visto que o óvulo e o espermatozoide se fundem e morrem para dar vida ao embrião. Essa reprodução pode representar uma violência, uma das características do erotismo, que se dá não apenas pelas funções naturais reprodutivas, mas também pela chegada de novos indivíduos que substituem os antigos. O autor dirá que nascemos descontínuos, pois não há, entre o ser que nasceu e os outros, uma semelhança: "Entre um ser e outro há um abismo, uma descontinuidade" (Bataille, 1987[1957], p. 11). A condição descontínua do ser é acompanhada por um conjunto de interditos, entre eles o trabalho, a repressão sexual e a relação com a morte, que organizam a vida social: "O interdito elimina a violência e nossos movimentos de violência" (Bataille, 1987[1957], p. 25). Para este autor, o interdito é o que possibilita a vida da maneira como está organizada, regida pelo trabalho e a repressão de desejos.

O trabalho aqui é entendido como o que fundamenta o mundo da utilidade, da ordem e da continuidade social. Por esse motivo exige que nossos impulsos e prazeres sejam controlados. A festa constitui, assim, um momento privilegiado de transgressão desses interditos, permitindo a suspensão temporária da lógica utilitária própria do trabalho: "Ele exige uma conduta sensata, onde os movimentos tumultuosos que se liberam na festa, e geralmente no jogo, não são decentes" (Bataille, 1987[1957], p. 27). Logo, com o desenvolvimento da vida moderna e do trabalho, o homem abandona sua violência animalesca. A nudez e a violência poderiam nos devolver essa experiência pré-histórica. Por isso, a transgressão é, intrinsecamente, uma violência necessária, pois é através dela que iremos atingir a continuidade, ultrapassando limites e mantendo uma relação dialética com o interdito.

Importante ressaltarmos que o interdito não destrói o desejo, mas o produz. O erotismo não busca apenas o prazer, mas, também, uma experiência de dissolução dos limites do indivíduo.

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 16-10-2026

3. DESEJO E GOZO

Neste momento, iniciaremos um movimento de pensar a noção de gozo, para dar início à discussão com Bataille 1987[1957],), pois há certas similaridades do sujeito proposto por Bataille e o sujeito da psicanálise lacaniana (pretendemos aprofundar esse tema adiante). Entre elas, ambos compreendem a necessidade de uma transgressão da lei para obtenção daquilo que é entendido como gozo. Para Bataille (1987[1957]) erotismo é o movimento entre o interdito e a transgressão, e para Lacan (2008b), é preciso haver transgressão do campo da lei para uma satisfação, sendo necessária a função do recalque daquilo que não pode se tornar consciente para o sujeito (Novelli, 2023).

Lacan fará uma releitura da psicanálise, pensando a partir de sua época, considerando a influência do estruturalismo de Lévi-Strauss e apontando uma nova forma de compreender o inconsciente. Ele afirma: "O inconsciente é, no fundo dele, estruturado, tramado, encadeado, tecido de linguagem." (Lacan, 2008a, p. 139).

Entretanto, há uma distinção na leitura de linguagem entre a psicanálise e o campo linguístico. Segundo Ferreira (2002), Saussure entende a linguagem formada por signos, estes sendo compostos por significados e significantes – isto é, pela associação entre um conceito e uma imagem acústica; assim, o significante aparece em segundo plano. Lacan (2008a) por sua vez, realiza uma subversão da ordem, na qual para a psicanálise o significante aparece acima do significado. Neste sentido, o significado se torna efeito da cadeia de significantes.

O sistema de linguagem não se reduz apenas ao concreto da realidade; ao contrário, ela se constitui conforme o momento histórico em que se encontra. Uma linguagem tem suas próprias particularidades, fonemas, pronúncias, gírias, atravessadas por uma cultura, e é representada por significações que não são estáticas, mas são representações de outras significações. Assim, temos uma formação do discurso que opera no simbólico e no imaginário (Lacan, 2008a).

No *Seminário 3* (grifos nossos) ele ainda destaca algo importante sobre o significante, ao dizer:

> ...o significante é um sinal que não remete a um objeto, mesmo sob a forma de rasto, embora o rasto anuncie, no entanto, o seu caráter essencial. Ele é também o sinal de uma ausência (Lacan, 2008a, p.192)

O significante em si não possui significados intrínsecos; ele é uma

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 16-10-2026

ausência, algo vazio, que não tem uma representação única ligada a um objeto específico – pelo contrário, ele pode representar várias representações de sinais diferentes. Nesse ponto o significante não tem uma representação enquanto unidade, necessitando de outro significante para lhe atribuir o sentido dessa ausência. Lacan nos diz isso: "O que está em discussão no nosso sujeito é a questão Quem sou eu?, ou Sou eu, é uma relação de ser, é um significante fundamental." (Lacan, 2008a, p.196) Pois é através do significante que o sujeito se reconhece, sendo composto por um conjunto de significantes. A esse conjunto chamamos de cadeia de significantes, o qual é estruturado como uma forma de linguagem. O Outro fornece os significantes pelos quais o sujeito busca representações. Em outras palavras, é na relação com o Outro que o significante se estrutura (Lacan, 2008a)

No *Seminário 11* (grifos nossos) Lacan chamará esse movimento de alienação, no qual o sujeito se aliena ao discurso do Outro sobre ele, apropriando-se dos significantes que o nomeiam. Porém essa alienação é fantasiosa, pois o sujeito não representa tudo aquilo que imaginou, e isso ocorre quando há o movimento de separação desse significante, quando, na tentativa de corresponder àquilo que imagina que o Outro quer, o sujeito não encontra uma resposta (Lacan, 1985).

Na relação entre sujeito e significante, entre a alienação e a separação, instaura-se o desejo: "É no intervalo entre esses dois significantes que vige o desejo oferecido ao balizamento do sujeito na experiência do discurso do Outro […]" (Lacan, 1985, p. 207).

Neste sentindo, a cadeia de significantes representa algo de nosso desejo, enquanto o desejo se dá na falta, percebida na relação com o Outro. Em outras palavras, nosso desejo é o desejo do Outro.

Definir o gozo é uma tarefa complexa; assim como ocorreu com Freud, houve diversas mudanças teóricas em Lacan. Mas podemos dizer inicialmente que "O gozo, por um lado, não é outra coisa senão o desejo que é, ao mesmo tempo, desejo morto." (Miller, 2000, p. 11).

Essa premissa é fundamental para entendermos a relação que o sujeito constrói com seu desejo. Essa falta – e sua busca para significação – leva o sujeito a procurar satisfazer suas pulsões, sendo uma força que não cessa no inconsciente. Ela busca representações atribuídas pelo significante, como objetos de satisfação. Entretanto, esse princípio se opõe ao Real representado por aquilo que não pode ser simbolizado, encontrado no princípio da realidade, que tem como característica uma dessexualização. Essa oposição barra a tentativa de satisfação que não encontra formas de se realizar, retornando, assim, ao inconsciente. Essa força pulsional que não foi possível simbolizar

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 16-10-2026

é entendida como um excesso, algo que escapa da cadeia de significantes. Aquilo que não é simbolizado e retorna como satisfação do movimento pulsional pode ser compreendido como uma dimensão do gozo (Lacan, 1985).

Lacan (2008b, grifos nossos), no *Seminário 7*, nos chama atenção para o termo *Das Ding*, que é a representação daquilo denominado como "Coisa", o núcleo mais primitivo de algo faltante para o sujeito, um objeto perdido remetente a algo primordial, aparecendo a mãe como a primeira figura que representa a perda, o desejo incestuoso. Essa falta encontra-se no Real, sendo impossível de ganhar um sentido para o sujeito, pois o Real impõe barreiras nas ordens simbólica e imaginária, impedindo que "Coisa" adquira uma representação totalitária. Aqui é apresentada a teoria do vaso que se contorna em torno desse vazio (*Das Ding*), preenchendo-o com outras significações para, assim, tentar dar um sentido à "Coisa" com representações do objeto perdido, onde o campo da Lei opera dizendo o que é permitido ou não representar (Lacan, 2008a, grifos nossos).

O campo da lei é internalizado na constituição psíquica do indivíduo, causando a interdição do gozo. Isso aparece no drama primordial apresentado na obra freudiana *Totem e Tabu*. O assassinato do pai da horda pelos seus filhos apresenta uma ambivalência entre o desejo de assassinato e o amor após a consumação do ato. Já n'*O Mal-Estar da Civilização* é dito que, para haver uma integração à civilização, é necessária uma submissão do indivíduo no campo da Lei. Nesse sentido, o gozo aparece em um lugar de uma dívida, tornando-se interditado pelo Real: "Tudo o que a transpõe constitui objeto de uma dívida no Grande Livro da dívida. Todo exercício de gozo comporta algo que se inscreve no livro da dívida na Lei." (Lacan, 2008a, p. 205, grifos nossos).

Para que haja acesso ao gozo, é necessária uma transgressão do campo da Lei, não para uma simbolização, mas como consequência, uma interdição colocada pelo princípio de realidade e uma tentativa de realização parcial. É na linguagem, representada pelo Campo da Lei, que o sujeito encontrará formas de satisfação (Lacan, 2008a). Em outras palavras, é através dos significantes que o sujeito pode gozar.

4. OBSCENIDADES, DESEJOS E TRANSGRESSÃO

Neste capítulo, analisaremos o conto Obscenidades para uma dona de casa à luz das formulações de Bataille (1987/1957) e Lacan: (1985; 2008a; 2008b), buscando compreender como a narrativa articula erotismo, transgressão e desejo.

É importante enfatizar o momento histórico em que a obra se passa.

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 16-10-2026

Ignácio Loyola Brandão é um autor que se destacou por seus contos, mas, especificamente, por sua militância e por uma escrita ativa de denúncia do regime militar brasileiro (1964-1985). Obras como *Zero* (2001) e *Não Veras País Nenhum* (2017) discutem a repressão e o apagamento de obras culturais e artísticas (grifos nossos). O conto que discutiremos é, além de provocativo, também uma tentativa de testar os limites da censura e da moral. Já pensando nos autores Bataille e Lacan, o conto por si é uma maneira de transgressão. Lembramos também que, mesmo anos após sua publicação, este conto ainda causa rejeição, como aponta uma notícia do jornal *O Globo*, que mostra que pais ficaram preocupados após o conto ser incluído no material didático da escola de seus filhos (grifos nossos).[1]

Ao iniciar o texto, podemos identificar uma série de símbolos que demarcam a protagonista, "dona de casa": organização, limpeza, reprodução da vida, disciplina, moralidade, utilidade.

> […] ficava ansiosa. Andava para lá, entrava na cozinha, preparava *nescafé*. Ligava televisão, desligava, abria o livro. Regava a planta já regada, girava a agenda telefônica, à procura de amiga a quem chamar… Abria gavetas, arrumava calcinhas e sutiãs arrumados. Fiscalizava as meias do marido, nenhuma precisando remendo. Jamais havia meias em mau estado, ela se esquecia que ele é neurótico por meias, ao menor sinal de esgarçamento, joga fora. Nem dá aos empregados do prédio, atira no lixo (Brandão, 2000, p. 435).

Observa-se também a presença da virtude como um dos símbolos de reconhecimento dessa posição.

> Posso me considerar realizada, portanto, satisfeita, sem invejas, rancores. Sou uma das mulheres que as famílias admiram neste prédio. Uma casa confortável, bem decorada, qualquer uma destas revistas de onde tiro as ideias podia vir aqui e fotografar, não faria vergonha (Brandão, 2000, p. 439).

A dona de casa é uma trabalhadora do lar. Embora atualmente haja avanços no debate público sobre a remuneração desse trabalho, em 1980 isso não era discutido amplamente. Para Bataille: "… o trabalho introduziu uma pausa em cujo nome o homem deixava de responder ao impulso imediato

[1] Disponível em: https://oglobo.globo.com/politica/livro-didatico-com-conto-erotico-causa-polemica-em-jundiai-sp-2963091 Acesso em 06 de Junho de 2026.

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 16-10-2026

que comandava a violência do desejo." (Bataille, 1987[1957], p. 27). No caso da protagonista, sua posição está inserida na ordem do trabalho e dos interditos descrita por este autor, na qual a disciplina e a utilidade restringem a satisfação imediata do desejo. Portanto, a transgressão abre espaço para a experiência erótica que será vivida através das cartas.

O movimento de transgressão promove uma ruptura com as exigências da rotina doméstica. Ao imaginar receber a carta erótica e os riscos que essa situação poderia desencadear, instaura-se uma tensão entre o possível e o impossível. Nesse movimento, o desejo da protagonista torna-se perceptível, permitindo a ela afastar-se, ainda que momentaneamente, do cotidiano marcado pelos cuidados com os filhos, o marido e as tarefas do lar, para entrar em contato com outra experiência de si. Embora essa vivência implique uma perda de si, a protagonista demonstra, ao longo do texto, um intenso estranhamento diante do que experimenta: "Fico louca, nem sei o que digo, tudo delírio, por favor não prestem atenção, nem liguem…" (Brandão, 2000, p. 440). Esse estranhamento aproxima-se da concepção de erotismo formulada por Bataille, para quem a experiência erótica envolve precisamente a suspensão da identidade estável: "Se for preciso, posso dizer que, no erotismo, EU me perco" (Bataille, 1987 [1957], p. 21).

Isso faz com que o próprio título do conto nos coloque frente às obscenidades que não são apenas os conteúdos das cartas, mas uma experiência que rompe com a ordem social dos interditos. De acordo com Bataille, "A obscenidade significa a desordem que perturba um estado dos corpos que estão conformes à posse de si, à posse da individualidade durável e afirmada" (Bataille, 1987[1957], p. 14). O obsceno desestabiliza limites no espaço doméstico; desnuda aquilo que as exigências sociais tentam esconder, como a violência do desejo e a sexualidade de uma mulher.

Nota-se uma busca pela normalidade como uma tentativa de sustentar a posição de uma dona de casa. Nos primeiros parágrafos, seus pensamentos começam a nortear uma dúvida sobre a constância de manter a posição e o desejo de receber as cartas. Durante o conto, a personagem descreve a sensação de mal-estar quando as coisas saiam da normalidade, insinuando um desejo passivo de morte: "Na fossa, rondava como fera enjaulada, querendo se atirar do nono andar. Que desgraça se armaria." (Brandão, 2000, p. 435). O que nos chama atenção é sua descrição posterior, que implica um movimento de fantasiar situações possíveis frente a uma passagem ao ato:

> O que não diriam a respeito de sua vida. Iam comentar que foi por um amante. Pelo marido infiel. Encontrariam ligações

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 16-10-2026

> com alguma mulher, o que provocava nela o maior horror. Não disseram que a desquitada do 56 descia para se encontrar com o manobrista, nos carros da garagem? Apenas por isso não se estatelava alegremente lá embaixo, acabando com tudo (Brandão, 2000, p.435).

No final do parágrafo, a ideia de que a morte não irá revelar o seu segredo é o que a impede que essa morte aconteça. A partir da nossa leitura, a personagem demonstra, neste parágrafo, algo do seu desejo que seguirá durante o decorrer do conto: o desejo de ser desejada. Como citado, é no movimento de alienação e separação entre o sujeito e o significante que se instaura o desejo, representado pelo desejo do Outro (Lacan, 2985). Logo, as cartas não são o erotismo, elas sustentam a fantasia da *protagonista* (grifos nossos).

Ao longo do texto, somos apresentados às compras da protagonista. Latas de "PuroPurê" (marca famosa no Rio de Janeiro nos anos 1980): "Comprei PuroPurê, tenho dezenas de latas de PuroPurê" (Brandão, 2000, p. 440, grifos nossos). A cada carta recebida uma lata é comprada. Para Bataille (1987[1957], p. 43), "A preocupação com uma regra é às vezes maior na transgressão: pois é mais difícil limitar um tumulto uma vez começado".

Logo, para a protagonista, é necessário manter a aparência de "dona de casa", e o que socialmente se espera dela é que ela se ocupe das atividades domésticas, como fazer compras para a casa, em vez de receber cartas eróticas. Essa leitura vai ao encontro com o que Lacan (2008b, p.63) nos diz: "É em torno de uma relação do sujeito ao significante que a posição fundamental do recalque se organiza." Um significante, enquanto unidade, não é nada, sendo necessário outro significante, atribuindo pelo Outro, para preenchê-lo. Em outras palavras, "dona de casa" só teria um sentido se alguém lhe atribuísse esse lugar. Apegar-se ao significante é uma forma de sustentação na qual o recalque opera para mantê-lo. Nesse caso, algo da pulsão é recalcada para que ela possa permanecer como a "dona de casa" (grifos nossos).

O movimento é descrito pela personagem como automático. Importante destacar que a cena anterior a essa mostra a personagem que, tendo recebido a carta do dia, vai ao mercado como forma de não levantar suspeitas. O que se torna chamativo é a compra sequencial do objeto. O "PuroPurê" é o significante que nos chamou a atenção, principalmente pela escolha de um objeto que não pode ser substituído por ervilhas, por exemplo, como citado por ela (Brandão, 2000, p. 440).

Lacan entende o movimento da repetição como um ato, que se coloca em movimento, na tentativa de elaborar esse Real que não pode ser simbolizado (Lacan, 1985). O "PuroPurê" pode representar essa busca

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 16-10-2026

por algo "puro", sendo o oposto do sexo – este muitas vezes nomeado pela personagem como "sujeira", "nojeira". Essa dualidade entre limpo/sujo, puro/sexo revela o sujeito barrado pelo recalque que permanece, de forma inconsciente, desejando, porém, não podendo realizar. No caso do conto, a protagonista quer receber as cartas, mas, como "dona de casa", não pode desejar isso. Então, para receber as cartas "sujas", ela se dirige ao mercado buscando os objetos "puros", (puro)purê (grifos nossos).

Ademais, os significantes citados acima são colocados em momentos nos quais a personagem se enoja com o conteúdo das cartas. Contudo, é de se observar que também há uma satisfação ao lê-las. Aqui se estabelece o gozo, em que algo é satisfeito de maneira parcial, ao passo que há, também, uma insatisfação. Ao se sentir excitada, ela, ao mesmo tempo, demostra não dar conta dos desejos quando é colocada em cena – por exemplo, o marido diz o que deseja fazer com ela; como consequência, ela perde o tesão: "… o marido tinha dito, resfolegante, no seu ouvido, logo depois de casada, minha linda bocetinha. E ela esfriou completamente, ficou dois meses sem gozar." (Brandão, 2000, p. 436).

Outra observação da qual nos debruçamos é que não há progresso na narrativa, tal qual o desejo da protagonista, há apenas repetição. Ao final do conto, vemos a protagonista lendo a carta recebida, contudo "Não consigo ler direito na primeira vez, perco tudo, as letras embaralham, somem, vejo o papel em branco" (Brandão, 2000, p.440). Ao ir para a residência, ela adormece e acorda com a preocupação de que o marido a veja com os escritos. Então, revela ao leitor que era ela quem as escrevia:

> Porque assim me deito na cama (adolescente, escrevia o meu diário deitada) e posso escrever outra carta. Colocando amanhã, ela me será entregue segunda. O carteiro das cinco traz. Começo a ficar ansiosa de manhã, esperando o momento dele chegar e imaginando o que vai ser de minha vida se parar de receber estas cartas (Brandão, 2000, p.440).

Revelando assim um circuito em que ela mesma provocava a cena contada no conto. Uma cena que, por si, é insatisfeita. A satisfação nunca se completa porque sua função não é terminar o desejo, mas recolocá-lo em funcionamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em suma, observa-se que o conto, mesmo anos após de sua publicação,

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 16-10-2026

permanece como um terreno fértil para amplas discussões. Sua ousadia e sua obscenidade desafiam o status quo de uma sociedade que, ainda hoje, demonstra dificuldades em abordar a sexualidade de maneira aberta. À luz das contribuições teóricas de Bataille e Lacan, foi possível mobilizar conceitos presentes em suas obras para ampliar a compreensão da narrativa e contribuir para o debate crítico. Nesse sentido, os conceitos de erotismo, transgressão, gozo e desejo orientaram a análise desenvolvida. Observou-se que as cartas, elemento central ao longo da narrativa, funcionam como um dispositivo que organiza o desejo da protagonista, mais voltado à experiência de ser desejada do que à concretização da relação amorosa em si.

Além disso, a análise evidenciou a articulação entre erotismo e violência, bem como a ruptura dos interditos como expressão da experiência da transgressão, em consonância com a perspectiva teórica adotada.

REFERÊNCIAS

BATAILLE, G. **O Erotismo**. Porto Alegre: L&PM, 1987.

BRANDÃO, I. de L. **Não verás país nenhum**. 11ª ed. São Paulo: Global, 2017.

BRANDÃO, I. de L. Obscenidade Para uma Dona-de-Casa ***In:*** MORICONI, I. (Org.) **Os cem melhores contos brasileiros do século.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.

BRANDÃO, I. de L. **Zero**. São Paulo: Global, 2001.

FERREIRA, N. P. Jacques Lacan: apropriação e subversão da lingüística. Ágora: estudos em teoria psicanalítica, v. 5, nº 1, p. 113-131, 2002.

LACAN, J. (1955-1956) **O Seminário, livro 3:** as psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008a.

LACAN, J. (1959-1960) **O Seminário, livro 7:** A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008b.

LACAN, J. (1964) **O Seminário, livro 11:** Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.

MARTIN, C. A. **Erotismo e transgressão em Georges Bataille e Jacques Lacan**. 2014. 93 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica, PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2014.

MILLER, J-A. Os seis paradigmas do gozo. **Opção lacaniana**, v. 26, nº 27, p. 87-105, 2000.

NOVELLI, G. V. de C. Erotismo, transgressão e gozo. **Eleuthería – Revista do Mestrado Profissional em Filosofia da UFMS**, v. 8, nº 15, p. 8-28, 2023.

Recebido em 02-09-2026 • Aceito em 16-10-2026